



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

MEMÓRIAS ALAGADAS:

A construção da hidrelétrica de Furnas e a submersão da vida

Lucas Cid Gigante

lucascidgigante@hotmail.com

Universidade Federal de Alfenas - MG

Brasil

Lárame Silva Carvalho

laramek@hotmail.com

Universidade Federal de Alfenas – MG

Marly Teodora Nogueira

marlyteodora@gmail.com

Universidade Federal de Alfenas - MG

Brasil



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

*À memória das pessoas que foram entrevistadas. Que o seu relato chegue
às Américas.*



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMO

Durante o governo de Juscelino Kubistchek, o Brasil passou por um processo de modernização econômica e demanda por energia elétrica. A construção da Hidrelétrica de Furnas (em Minas Gerais, região Sudeste do Brasil), foi o maior projeto realizado até então, tendo impactado a vida dos atingidos pelas águas da barragem.

Quando as comportas foram fechadas, a área inundada foi de aproximadamente 1.600 km quadrados, somando 32 municípios, com mais de 5.000 propriedades rurais, incluindo suas pontes, estradas rurais, estradas de ferro e cemitérios. Hoje, o lago de Furnas é um dos maiores lagos artificiais do mundo e a hidrelétrica foi considerada oficialmente como sinônimo de modernização e progresso.

Houve, no entanto, uma profunda modificação da vida das pessoas enraizadas nestes territórios. Trabalhando com relatos recolhidos sob a metodologia da História Oral, foram entrevistadas pessoas afetadas pelas águas. Em seus depoimentos, visualizamos como elas se portaram diante dessa obra monumental e em como a relembram. Nosso objetivo foi o de documentar como a memória foi mantida pelas famílias, e como nos permite entender este acontecimento a partir de seu ponto de vista.

Os resultados que colhemos deixam transparecer que seu mundo foi modificado profundamente por um processo de desterritorialização e reterritorialização, implicando na quebra dos ritmos da vida cotidiana: a mobilidade regional ficou prejudicada e os habitantes foram obrigados a saírem de suas terras; estradas e ferrovias ficaram submersas, alguns locais ficaram praticamente isolados.

Como um exemplo dos conteúdos da pesquisa, trazemos o relato do Sr. Estevam Lindolfo Cabral, (90 anos): “Aonde a água pegou, judiou demais, muito triste mesmo. Os fazendeiros perderam muito barracão, casa, plantação, terra, teve fazendeiro que perdeu muito arqueiro. Meus vizinhos perderam as fazendas tudo, lá no fundo de casa, perto de casa tinha um homem, ele tinha uma família grande, ele era muito bom, a água pegou tudo (pausa) tudo, uns quarenta arqueiro, não deu nada (se referindo à indenização) saíram sem nada, uma tristeza, saiu com as coisas no carro de boi, com o arroz, sem saber onde ia morar. As terras baixas foram todas inundadas, as que nós tinha



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

dava pros filhos todos plantar, nós plantava arroz, milho, feijão, [...]. Que fartura gente! Tinha de tudo, a terra era uma beleza, terra boa de capinar, que coisa mais boa! [...]. Agora vê o que Furnas fez por nós, não fez nada! Só tiraram nossas terras, o sustento da gente. Agora a água tá indo embora, tá secando tudo, será que agora ela vai devolver as nossas terras. Ah! Não devolve nada, acabou tudo! ”

ABSTRACT

During the government of Juscelino Kubistchek, Brazil underwent a process of economic modernization and demand for electricity. The construction of the Furnas hydroelectric plant (in Minas Gerais, southeastern region of Brazil) was the largest project ever undertaken, impacting the lives of those affected by the dam.

When the floodgates were closed, the flooded area was approximately 1,600 square km, comprising 32 counties, with more than 5,000 rural properties, including its bridges, rural roads, railways and cemeteries. Today, Furnas Lake is one of the largest artificial lakes in the world and the hydroelectric dam was officially considered as synonymous with modernization and progress.

There was, however, a profound change in the lives of people rooted in these territories. Working with reports collected under the methodology of Oral History, were interviewed people affected by the waters. In their testimonies, we visualize how they acted before this monumental work and how they remember it. Our goal was to document how memory was held by families, and how it allows us to understand this event from their point of view.

The results we have gathered show that their world has been profoundly modified by a process of deterritorialization and reterritorialisation, implying a break in the rhythms of daily life: regional mobility was impaired and the inhabitants were forced to leave their lands; roads and railways were submerged, some places were practically isolated.

As an example of the contents of the research, we bring the report of Mr. Estevam Lindolfo Cabral, (90 years): "Where the water caught, judged too much, very sad indeed. Farmers lost much



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

shed, house, plantation, land, had farmer who lost much archer. My neighbors lost all the farms, there in the back of the house, near the house had a man, he had a big family, he was very good, the water took everything (pause) everything, about forty archer, gave nothing to the indemnity) left without anything, a sadness, left with the things in the cart of ox, with the rice, not knowing where it went to live. The lowlands were all flooded, the ones that we had the children to plant, we planted rice, corn, beans, [...]. What a lot of people! It had everything, the land was a beauty, a good land to weed, what a good thing! [...]. Now see what Furnas did for us, did nothing! They just took our land, our livelihood. Now the water is going away, it's drying up everything, it will now be that it will return our lands. Ah! It does not return anything, it's over! "

Palavras chave:

(Memória, Furnas, Sul de Minas)

Palabras clave

(Memoria, Furnas, Sur de las minas)

Keywords

(Memory, Furnas, South of Minas)



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

I Introdução

Em um momento de transformações tanto políticas como sociais, a construção da Hidrelétrica de Furnas em Minas Gerais era considerada a salvação para alguns e vista como o “crime do século” por tantos outros. Nesse período de mudanças, Furnas com suas águas modificou a vida de inúmeras famílias e é nesse contexto que pretendemos trabalhar: como as pessoas afetadas pelas águas se sentiram diante dessa obra monumental? E em meio a esses acontecimentos, queremos entender como a memória foi mantida pelas famílias e qual o sentimento que ainda resiste após a inundação que os expropriou.

A construção da hidrelétrica de Furnas, no primeiro momento, deixa transparecer (pelos sentimentos dos expropriados) que o mundo das pessoas que viviam nessa região foi modificado profundamente, em nome do “progresso”. Temos como exemplo de cidades que sofreram mudanças drásticas, São José da Barra (que fica no encontro dos rios Sapucaí com o rio Grande), Boa Esperança, Capitólio, Campo do Meio, Guapé e Fama. Guapé teve o maior número de migrações compulsórias (cerca de 6.000 pessoas foram desalojadas).

Com a construção de uma hidrelétrica, a mobilidade regional fica prejudicada e os habitantes são obrigados a saírem de suas terras. O mesmo aconteceu com a construção da hidrelétrica de Furnas: estradas e ferrovias ficaram submersas, alguns locais ficaram praticamente isolados e os expropriados se viram na necessidade de abandonar suas terras implicando a morte do vínculo afetivo com a terra. Como a agricultura era desenvolvida nas várzeas, por serem as terras mais férteis, as plantações de café, feijão, milho, alho e principalmente o arroz, ficaram prejudicadas, o que sobrou depois da inundação era uma terra ruim para o plantio.

Durante o governo de Getúlio Vargas nos anos de 1950, foi criado o Plano Nacional de Eletrificação, que estabeleceu estrutura e mostrou um caminho a ser seguido para o desenvolvimento do setor elétrico no país; o que antes estava nas mãos da iniciativa privada passou a ser papel do Estado, agora o responsável pela expansão da eletricidade. O Plano Nacional de Eletrificação contou também com o apoio dos Governos Estaduais, que começavam a criar empresas de distribuição.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Um dos maiores problemas enfrentados por Furnas ocorreu nas desapropriações: a área inundada seria de aproximadamente 1.600 km quadrados, somando 32 municípios, com mais de 5.000 propriedades rurais, incluindo suas pontes, estradas rurais, estradas de ferro e cemitérios.

Com o processo de modernização e o crescimento do país na década de 1950, alguns projetos apareceram devastando o “mundo dos pequenos”. Quem diria que em uma região tão pacata, como o Sul de Minas, iria ser construída uma gigantesca represa que abalaria tanto a vida de inúmeras pessoas?



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

II Marco teórico/marco conceptual

Victor Leonardi, em seu livro “Entre árvores e esquecimentos”, retrata bem como a modernidade surge como um projeto avassalador no Brasil. O autor ilustra bem isso falando sobre a construção de Brasília, obra do arquiteto Oscar Niemeyer que aconteceu praticamente junto com a construção da Represa de Furnas e da abertura de grandes estradas no Centro-Oeste e na região amazônica. O ambiente antes intocável pelo homem passa a ser atropelado por máquinas, forasteiros e grandes construções.

Leonardi retrata bem a questão do progresso, ilustrando-o como um gigante com duas caras: de um lado, fonte de desgraça e, do outro, fonte de bem-estar; acontece que a face visível costuma ser a do bem-estar, “empurrando” para de baixo do tapete o lado da desgraça.

Outro ponto interessante que Leonardi destaca em seu livro e que permeia o tema da construção da represa de Furnas é sobre a amnésia histórica que é produzida. Existe uma ausência de preocupação com a perda dos ribeirinhos e um grande esforço para a compreensão do desenvolvimento econômico e da modernidade chegando em nosso país pela ótica positiva, o que, aqui, significa a ideologia da “riqueza que seria trazida com as águas da represa”.

Para Eliseu Spósito (2004), o indivíduo tem relação direta com a territorialidade e, sendo assim, o território não tem sentido sem o indivíduo. Segundo Milton Santos (2003), o termo território é visto como uma categoria de análise do espaço, sendo o território a junção do chão mais a população, com a sua identidade e o sentimento de pertencimento do lugar.

O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi. Quando se fala em território deve-se, pois, de logo, entender que se está falando em território usado, utilizado por uma dada população. (SANTOS, 2002, p. 97).

Nas entrevistas realizadas no decorrer da pesquisa foi possível saber que muitos ribeirinhos mudaram para a cidade de Atibaia, no interior de São Paulo, alguns mudaram para a zona urbana de Alfenas e outros ficaram na mesma região dos bairros rurais, sendo que esses “recriaram” seus bairros novamente. Para quem saiu ou permaneceu nos bairros rurais afetados, a mudança foi sem dúvida muito grande. Em um período muito pequeno de tempo essas pessoas tiveram que passar pelo processo de desterritorialização e reterritorialização.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Os moradores dos bairros de Barranco Alto e Mandassaia ficaram ilhados, além de perderem suas casas, seus amigos e também o acesso antigo com a cidade de Alfenas, tanto que esses bairros ficaram mais próximos da cidade de Alterosa. O acesso que tinha com Alfenas era pelo feito pelo rio Sapucaí, a população atravessava em pequenos barcos pelo trecho estreito do rio. Perdeu-se também a rota feita pelo barco a vapor conduzido por um cabo de aço no rio Sapucaí (que fazia a travessia para cidades próximas); perdeu-se a rota de boiadeiros que seguia para outros estados, como Goiás e perdeu-se os trilhos da rede ferroviária administrados pela RMV (Rede Mineira de Viação – inaugurada em 1928 com o nome de E.F. Machadense, que no ano de 1938 passa a fazer parte da Rede Mineira de Viação e ficou em atividade até 28/02/1963).

Segundo relatos dos entrevistados, Barranco Alto e Mandassaia eram bairros religiosos e festeiros; em muitas das entrevistas foi relatado sobre as festas da igreja, com quermesses, bingos e leilões. Essas festas perderam-se com as expropriações e os bairros perderam essa tradição; as festas ficaram apenas na memória daqueles que viveram naquela época. Como poucos ribeirinhos permaneceram nesses bairros (segundo uma das entrevistadas ficou quinze famílias no Barranco Alto após a inundação) e como a principal igreja foi demolida alguns anos após a inundação, a tradição acabou ficando perdida no tempo.

A implantação de uma grande barragem constitui-se, a rigor, em uma apropriação feita por atores estatais e privados, ligados ao setor elétrico, sobre um território já histórica e espacialmente apropriado pelos que ali vivem. Enfim, desapropriam-se uns para que se dê a apropriação por outros. (JÚNIOR, 2010, p. 45)



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

III Metodologia

Segundo Halbwachs a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, visto que todas as nossas lembranças são constituídas, mas que também é uma construção do sujeito.

A memória coletiva é um processo social de reconstrução do passado vivido e experimentado por estes grupos e as lembranças demandam das outras pessoas pertencentes aos mesmos grupos que compartilham os mesmos interesses e que vivenciam os mesmos fatos e estas recordações são reconstruídas socialmente, sendo para isto indispensável uma comunidade afetiva, (HALBWACHS, 1990).

Pois, não é na história aprendida, mas na história vivida que se apoia nossa memória, então Halbwachs coloca que por história é preciso entender não uma sucessão cronológica de acontecimentos e de datas, mas tudo aquilo que faz com que um período se distinga do outro. (HALBWACHS, 1990).

São nos espaços onde ocorrem nossas experiências em que as lembranças são refletidas e que somos conduzidos ao passado, através das paisagens, das montanhas, dos rios, das árvores, das construções arquitetônicas dentre vários bens materiais e que segundo Halbwachs seria impossível rememorar o passado caso algumas de suas características não se conservassem materialmente. Em contraposição ao tempo, que oferece continuamente a ideia da mudança, o espaço no qual se vive evoca permanência e estabilidade (HALBWACHS, 1990).

Na atualidade, o embate consiste entre o estabelecimento da História Oral como disciplina ou como método. Mas, para Ferreira – e para nós – a História Oral é uma metodologia, pois trata-se de um conjunto de procedimentos usados para gerar depoimentos, visando uma análise posterior¹. Ainda, segundo D'Alessio, a História Oral amplia o uso de fontes para a (re) construção de histórias e possibilita lidar com a subjetividade em sua forma plena. Afinal de contas, é necessário ter em mente que a subjetividade também existe nos documentos e/ou fontes escritas. Para Ferreira, tal

¹ Ibidem.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

método auxilia na “quebra” de uma espécie de “fetiche” pela fonte escrita, ainda presente nos dias de hoje ².

IV. Análise e discussão de dados

IV.1 A microrregião analisada

O distrito de Barranco Alto, segundo consta na história, no final do século XVIII o lusitano Domingos Vieira e Silva, abriu suas sesmarias, nas terras da bacia do rio Cabo Verde. Fundando em 1797, o Arraial de São José e Dolores da Pedra Branca, que mais tarde passou a ser nomeada de Alfenas (em homenagem a família Martins Alfenas); anos mais tardes, os alfenenses fundaram nas barrancas do rio Sapucaí, o Retiro de São João Batista. Antes o local era a Fazenda Retiro, de propriedade de Ana Quitéria, que antes de falecer doou um pedaço de terra para formar o povoado, que nos idos de 1888 passou a simplesmente ser chamado de Barranco Alto. O local agradável e de ótimo clima passou a prosperar na década de 1940, contava com uma Agência dos Correios, uma Agência do Banco Financiam da Produção S.A, uma grande fábrica de laticínios e vários estabelecimentos comerciais. O transporte de mercadorias era feito pelo rio Sapucaí por via fluvial através de vapores e por estradas de terra por meio de carros-de-boi. (VIEIRA, 2002).

O bairro Mandassaia é ao lado do bairro Barranco Alto, sobre sua origem não foi possível encontrar nenhum registro oficial, segundo alguns relatos dos moradores, no lugar moravam duas comadres bem próxima uma da outra, e passava por lá alguns mascates comercializando suas mercadorias, e em um determinado dia uma das comadres grita para a outra: - Comadre manda a saia. E a outra mandou, era saia de montaria, como uma delas não tinha este tipo de saia sempre pedia emprestado para a comadre, quando precisava sair a cavalo. E sem entender nada os mascates foram embora. Então quando os mascates queriam se referir ao local diziam: Vou vender as mercadorias lá no Mandassaia.

² Ibidem.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

IV.2 Memórias alagadas: os relatos dos entrevistados

José Amando da Cruz, nascido em 1960 - 55 anos. (Era pequeno quando as águas da represa chegaram à Barranco Alto. Seu pai, Nelson da Cruz, trabalhava como escrivão do cartório local e esse cargo José vai ocupar anos mais tarde; hoje lida com a terra e com gado no seu sítio, onde vive com a esposa, filho e netos, nas proximidades de Barranco Alto. José Amando (do verbo amar) apesar de não lembrar com detalhes da vinda das águas por ainda ser muito pequeno, sempre ouvia histórias contada pelo pai e moradores locais. Concorreu por algumas vezes a vereança pela cidade de Alfenas, mas até o presente momento ainda não se elegeu).

“Então quando Furnas veio era uma vargem muito rica muito grande onde era o sustento de toda população ali cujo arroz não era plantado, era nativo da terra, o trabalho dos agricultores eram raleir o arroz pra que viesse a colheita depois. Então as terras eram muito abundante, muito farta. E aí veio Furnas. (pausa), Furnas veio, a turma vai alaga, vai alagá, a turma – há isso jamais acontece, ninguém acreditava que alagava, veio até uma certa altura e parou, aí a turma ficou com o pé meio atrás, (risos), inclusive teve gente que perdeu casa e não tinha onde morar foi um sufoco”.

“Até teve um fazendeiro aqui que teve uma vargem (várzea) que era a coisa mais chique, que era a Santa Maria, ele chamava Rosquinlim Ribeiro, então este fazendeiro que eu citei tinha uma vargem muito boa, muito rica e criava um gado na época na várzea, mas era muito miserável e muito seguro, aí eles vieram entrevistar, e ele ficou com medo e de ser para aumentar imposto. Aí ele pegou e falou, há essas várzeas minha aí não vale nada, isso aí só serve pra criar sapo e pra mais nada. Os funeiros diziam mais que coisa, parece ser uma várzea boa, tal, parece que tem um gado lá, e ele, não isso não alimenta nada só sapo mesmo. Escreveram lá; e o senhor assina? Assino. Então tinha assinar o que falava.”

“Isso. Aí esse corredor era para transportar gado e o ponto de posada desses boiadeiros era Barranco Alto, os boiadeiros deixava combinado o dia de encontro ali em Barranco Alto que era pousada, tinha



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

um pasto da banda de cá que era da dona Olivia que alugava para os boiadeiros, outros alugavam também para por o gado e ali os boiadeiros negociava as suas boiadas ali no Barranco Alto. ”

“Então era um elo entre Carmo do Rio Claro, Campo do Meio, Campos Gerais, Alfenas e Alterosa. Hoje Barranco Alto é fim de linha, por aí você vê o prejuízo que Furnas trouxe para o Barranco Alto, tirou o direito do povo de ir e vir, acabou. ”

Jaime de Oliveira, nascido em 1943 – 72 anos. (Morador do Bairro Mandassaia, sempre morou neste local e sempre trabalhou na agricultura, casado, pai de onze filhos (dois morreram quando crianças), e a maioria dos filhos mora no Bairro Mandassaia. O senhor Jaime ainda mora na mesma casa que foi de seus pais, segundo ele a casa tem mais de cem anos).

“As terras dele eram tudo de varge, não sobrou quase nada e o que sobrou era terra seca, de tão magoado que ficou, não queria nem ver a água da represa, uns falaram que ele comprou terra lá pro lado de Alterosa, mais não lembro dele por aqueles lados não, ele sumiu, não tem notícia dele. ”

“Teve gente que ficou sem receber até hoje, porque era muito barato né, aí não quiseram vender. ”

“Aí um foi pegando conselho do outro e foi vendendo, porque não ia ter jeito memo, porque era lei Federal, então ia entupi memo e o presidente pagar o preço que eles queriam não ia memo, então não tinha jeito de tocar demanda. Teve muitos fazendeiros que ainda tocaram demanda, mais não ganhou, e o dinheiro ficou em juízo. ”

“A linha de ferro parou por causa da Furna, ela fazia de Jureia à Cruzeiro no estado de São Paulo, a linha era Jureia, Trompowski, Movimento, Areado, Harmonia, Gaspar Lopes, Alfenas, Fama, Jovino de Brito, Varginha, Três Corações, São Lourenço, depois entrava em São Paulo. Nós íamos para Aparecida do Norte, pegava o trem aqui no Harmonia as 7:00 horas da manhã, pousava lá em Cruzeiro



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

no estado de São Paulo, mas era uma viagem tão boa, tinha restaurante no trem de ferro de Varginha pra frente, aqueles que queria almoçar, almoçava. ”

“Se não fosse a represa (pausa), eles estavam colhendo batata e trigo nestas varges de rio, a terra era boa, não precisava de adubo, calcário. Depois que veio a represa, se não tivesse adubo e calcário não colhia nada, porque as terras secas eram fracas. Assim veio a represa, nós passamos muito aperto com a plantação, passamos muita falta das coisas, porque o arroz mesmo nós não colhia. O povo que ainda tinha umas varges de corgo (córrego) coía (colhia) um pouco, o resto não coía quase nada. ”

“Antes de vim a represa, o povo pescava muito, tinha muito peixe, curimbatá, carpa e quando a água abaixava ficava as lagoas, e os peixes ficavam perdidos nelas. Quando era tempo de seca ia com um vizinho pescar, arrumava uns balaies furava o fundo dele e ia bater lagoa, nós pegava muito peixe. Uma vez fomos a cavalo, pegamos uns vinte quilos de curimbatá, demos para os vizinhos, porque se não pegasse e a seca fosse muito grande eles morriam lá”

“Ele era um homem muito bom mesmo morava rindo, ele plantava melancia, pepino no meio do arroz, quando vê a água foi só entrando no arroizá dele, os lambaris pulando nos cachos de arroz, via só melancia e pepino boiando por cima da água, não deu pra aproveitar nada. ”

Luís Marcelino, nascido em 1925 – 90 anos. (Nascido no bairro Mandassaia, casou-se, teve apenas uma filha que hoje já é falecida; após o falecimento da filha se separou, morava sozinho na cidade de Alfenas, onde a entrevista foi realizada. Morou no Bairro Mandassaia até dia doze de agosto de mil novecentos e setenta, quando mudou para Alfenas, deixando de ser trabalhador rural para trabalhar na prefeitura de Alfenas, até de se aposentar; depois de se aposentar, trabalhou mais alguns anos no Fórum de Alfenas - MG. Faleceu no mês de Junho de 2015.)



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

“Ali no Mandassaia era movimentado demais da conta, era cheio de gente, na casa dos Bernardas era muito movimentado, a família era grande, juntava a vizinhança e afora os que trabalhavam lá. Se você sentasse ali para ver quanta gente passava naquela estrada, você não vencias contar.”

“Ali era um movimento só, as estradas eram movimentadas, ali era um doce, isto até 1960, ali era um doce, uma moçada, uma rapaziada, era tudo amigo. [...]Aí em 1960 a água veio, escapa um dali, escapa outro daqui, foi parar gente até no Paraná, aí desandou tudo. Mais antes da água vir era um doce aquilo ali, (pausa... fica pensativo durante alguns segundos com olhar perdido, como se estivesse visualizando o passado) era bom demais (suspirando)”.

“Aí a água veio... Quando a água veio eu perdi meu arrozá (arrozal) carregadinho de cacho, o lambari pulava no cacho de arroz assim (fazendo gestos com a mão) chacoalhava o cacho maduro, e o arroz caía na água, não fui só eu que perdi, muitos companheiros perderam.”

“É aquelas varge fez muita falta quem tinha um pedaço de brejo tinha que destocar, ou plantar nas terras secas, (pausa) fez falta, muita falta, quebrou muita gente!”.

Estevam Lindolfo Cabral. Nascido em 1925 – 90 anos. (Na época da inundação tinha mais ou menos trinta e seis anos, casado com filhos. Viveu toda a vida como agricultor até a aposentadoria, mesmo aposentado não deixou de lidar com a terra. Hoje é morador na cidade de Alfenas com 90 anos, mas viveu algum tempo em outras regiões)

“Perto de casa tinha um homem, ele tinha uma família grande, ele era muito bom, a água pegou tudo (pausa) tudo, uns quarenta arqueiro, não deu nada (se referindo à indenização) saíram sem nada, uma tristeza, saiu com as coisas no carro de boi, com o arroz, sem saber onde ia morar.”

“As terras baixas foram todas inundadas, as que nós tinha dava pros filhos todos plantar, nós plantava arroz, milho, feijão, lá dava de tudo, achava melancia deste tamanho (mostrando o tamanho... muito



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

grande), as terras eram muito boas, tinha uma vorta (volta) de mata cheia de fruteira (pés de jabuticaba) a gente ia lá buscar. Que fartura gente! Tinha de tudo, a terra era uma beleza, terra boa de capinar, que coisa mais boa! Um farturão, uma coisa medonha de ver, nossa eu colhia tanto feijão, arroz. ”

Maria Helena Gomes, nascida em 1948 - 67 anos. (Nascida em Barranco Alto, na época da inundação morava em Poços de Caldas, trabalhava na casa de um farmacêutico amigo de seu pai. Mas com a notícia da construção da represa volta para tentar convencer seu pai a mudar para Poços de Caldas, não conseguindo convencer seu pai resolve ficar para ajudar sua mãe e seus irmãos. Na época da entrevista era moradora de Barranco Alto e trabalhava como faxineira na escola do bairro, atualmente mora em Alfenas. Por coincidências da vida ela estava no cartório de Barranco Alto, no qual fui tentar buscar histórias do vilarejo).

“E tinha um senhô que chamava José Aureliano, ele fico, ele tinha uma loja de tecido e uma loja, uma espécie de mercearia, do lado de cima onde ele mora era a loja de tecido e embaixo era a venda que a gente falava na época né; intao ele começou a junta tudo o que era coisa e jogando perto da esquina, entre a venda dele e a igreja. Então ele jogava tijolo, tudo o que era coisa de entulho assim, foi ponho ali e ficava falando daqui a agua não passa, daqui ela não passa, vou cercar ela aqui; e ele foi ficando meio coisa assim da cabeça sabe, sei lá. ”

“Quando chego a agua mesmo foi um abandono total do povo aqui, não tinha como sai daqui, não tinha carro, nem ônibus, nada assim que levasse, acabou tudo. ”

“A gente saiu com a água quase que na cinturam, ai teve que sai né. Ou sai ou morre afogado (risos). Quando ele viu que num dava, ele ficou meio transtornado, que ele não tomava iniciativa nenhuma sabe. Tudo foi a minha mãe e nois, ele não tomava iniciativa pra nada. A água lá chegando, aumentava dia e noite aquela água sabe. Ele fincava, eles marcavam, fincavam um negocio assim, punha uma estaca e deixava. Se pusesse a estaca de tarde, no outro dia já não via mais, já não aparecia mais a estaca. E os bichos subino, aquela bicharada sabe. A água chego com muita sujeira, muita coisa,



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

também porque aquelas arvore foi morrendo, aquelas coisa foi apodrecendo, fico muito feio. Igual uma enxorrada, veio desbarrancando aquelas berada de água, veio aqueles barranco desmoronando, e veio subindo, subindo. Foi muito feio, muito feio que vinha bicho junto, muita cobra, muita coisa, esses bichinho sabe. Então não foi fácil não, mais. Tem muita historia pra conta, tem muita história triste (risos). Foi triste sim, pois nois não esperava aquilo.”

V. Conclusões

Finalizando essa pesquisa, depois de muitas entrevistas e de vários “mundos” de memória adentrados, temos a certeza, mais do que nunca, que essas pessoas expropriadas por Furnas perderam muita coisa além das terras; perderam pessoas, raízes e o seu lugar de pertencimento no mundo, presente nos sentimentos e lembranças que configuram os depoimentos aqui documentados.

Segundo pesquisas, o reservatório de Furnas poderia ter sido construído com um nível mais baixo, atingindo menos terras e afetando menos pessoas. Mas o processo de modernização e desenvolvimento econômico necessita extrair o máximo de rendimento possível, sendo inerente o aspecto “faraônico” de suas intervenções e empreendimentos, com uma consequente ausência de consideração pelos efeitos devastadores na vida cotidiana das pessoas atingidas pela subida das águas, ou seja, com o impacto social da barragem. Contra aquele projeto de Estado, nada pode ser feito. Nem mesmo as elites econômicas e políticas o reverteram, antes negociaram de forma favorável suas terras, diferentemente dos ‘pequenos’, ‘teimosos’, persistentes e incrédulos.

De nada adiantou estes resistirem e irem contra a construção da grande hidrelétrica, isso não impediu que inúmeras vidas fossem drasticamente mudadas e que cidades inteiras ou grande parte fossem engolidas pelas águas. A construção da represa em nível mais baixo não afetaria a produção de energia, mas as grandes obras enchiam os olhos dos políticos que seriam “beneficiados” com tamanha construção, o prestígio social valeu mais que as vidas dos pequenos.

Após encerrarmos nosso trabalho de campo com as entrevistas, foi possível compreender que os ribeirinhos usaram da memória como seu ponto de apoio, seu porto seguro. Percebemos que as lembranças de como eram Barranco Alto e Mandassaia foram os pontos mais tocados: lembrar das



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

festas, da vida cotidiana, da vida religiosa e de suas antigas vidas fez o tempo correr mais devagar e os momentos tristes foram apagados (nem que por um instante) de suas lembranças.

Não como um tsunami, que é quase instantâneo e destruidor, mas com uma subida lenta e inevitável das águas, nossa modernidade fez a vida dos ribeirinhos submergir. Hoje, meio século depois, o apoio destes sujeitos foi não perder a história de seu passado, mantendo-a viva.

E como manter viva a memória desse passado remoto? Através de suas lembranças que vão ficar além da memória, documentadas em histórias contadas e palavras ditas. Esperamos ter contribuído neste sentido com este trabalho.

VI. Bibliografia

BELLAIGUE, Mathilde; MENU, Michel. **Museologia e as formas de Memória**. In: Simpósio Museus, Memória e Patrimônio na América Latina e no Caribe. ICOFOM LAM, Cuenca, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, 1997.

DECAROLIS, Nelly. **Memórias do Devir**. In: SIMPÓSIO MUSEUS, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO NA AMÉRICA LATINA E NO CARIBE. ICOFOM LAM, Cuenca, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p.98-105, 1997.

Edição Especial – 50 anos de Furnas. Revista FURNAS - Ano XXXIII - nº 337 - Fevereiro 2007. Disponível em: http://www.furnas.com.br/arqtrab/ddppg/revistaonline/linhadireta/rf337_57-67.pdf. Acesso em: 14 mar. 2013.

GREMAUD, Amaury Patrick. **Economia brasileira contemporânea**. 7. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2008.

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela Memória**. Arquitetura, monumentos, mídia. Trad. Sérgio Alcides. UCAM – Coleção Agenda do Milênio. RJ: Aeroplano, 2000. 116 p.

LIMA, Diana Farjalla Correia. **Memória Social e a instituição museu: reflexões acerca da herança cultural (re) interpretada**. In: SIMPÓSIO MUSEUS, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO NA AMÉRICA LATINA E NO CARIBE. ICOFOM LAM, Cuenca, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p.80-90, 1997.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

MARTINS, Marcos Lobato. **Olhares sobre o “mar de minas”: percepções dos moradores de Alfenas e Fama relativas ao Lago de Furnas (1963-1999).** 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/asoc/v13n2/v13n2a09.pdf>>. Acesso em 21 jan. 2013.

MANZON, Jean. **Brasil potência industrial.** Documentário sobre a construção de Furnas. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=nVLvyIIIItJA>>. Acesso em: 25 mar. 2013.

MANZON, Jean. **Luz energia para o progresso.** Documentário sobre a construção de Furnas. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=eeUeFBTK2OQ>>. Acesso em: 26 mar. 2013.

SANTOS, Milton. **O dinheiro e o território.** In: SANTOS, Milton et al. Território, territórios – ensaios sobre o ordenamento territorial. 2ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

SCHEINER, Tereza. **Memória e Museu: expressões do passado, visões do futuro.** In: SIMPÓSIO MUSEUS, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO NA AMÉRICA LATINA E NO CARIBE. ICOFOM LAM, Cuenca, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p.130-140, 1997.

SERRES, Michel. **Os cinco sentidos.** Filosofia dos corpos misturados. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. p. 71.

SOARES, Bruno César B. **Em busca do tesouro perdido: a Nova Museologia, o Novo Museu e a América Latina.** 2006. 175 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia) – Escola de Museologia, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.